Youtube, Infância e Identidade: Representatividade Negra e Produção de Sentidos na Primeira Infância

Gisele da Gama Ramos[1], Patrícia Leal Rebeque[2], Aline Teixeira[3]

[1]Mestranda do programa de pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. (gisele_gama@id.uff.br)
[2]Mestranda do programa de pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.
[3]Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil

Resumo: O artigo analisa como as mídias digitais contribuem para a construção da identidade racial na infância. Tem como metodologia a análise de conteúdo, com base no canal infantil “A Hora do Blec”. A fundamentação teórica se apoia principalmente nas obras de Martino, Buckingham, Barros, Almeida e Gomes. Investiga-se como representações midiáticas refletem o repertório cultural e como podem promover uma educação antirracista, destacando a importância da representatividade no cotidiano infantil.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Produção de sentidos; Youtube; Educação Infantil; Infância.

INTRODUÇÃO

> “A mídia ocupa lugar de destaque, redefinindo o modo como as coisas são feitas no cotidiano.” *(Martino, 2015, p. 239)*

Com o advento da internet, as mídias se tornaram parte integrante do cotidiano contemporâneo, impactando a todos, inclusive as crianças, que estão imersas nesse mundo midiatizado. A presença da mídia na infância se manifesta em diferentes formatos e pode influenciar não apenas os processos de aprendizagem, mas também a produção de sentidos, a formação de

identidades e as interações sociais. Nesse contexto, é pertinente estabelecer uma analogia com as ideias de Paulo Freire, que, embora tenha se referido a mídias tradicionais (como rádio, televisão e imprensa), já reconhecia seu potencial enquanto ferramenta educativa, desde que utilizada de forma crítica e consciente. Para Freire, os meios de comunicação não deveriam se restringir à função de transmissão de informações, mas atuar como instrumentos capazes de promover a reflexão, o diálogo e a transformação social. Ao propor uma educação crítica e dialógica, Freire enfatizava que a mídia poderia despertar a curiosidade epistemológica, estimular a análise crítica e favorecer a participação ativa dos sujeitos no processo de aprendizagem. Sua famosa ideia de que “educar é ensinar a ler o mundo” nos inspira a pensar que, hoje, também é necessário “ler criticamente as mídias digitais”. Assim, embora se trate de um contexto tecnológico diferente, é possível transpor os princípios freirianos para as plataformas digitais contemporâneas, como YouTube, redes sociais e aplicativos infantis.

Atualmente grande parte das crianças fazem o uso das tecnologias digitais, segundo matéria divulgada pela Revista Paulista de Pediatria (2020), “a utilização das mídias interativas está em ascensão entre as crianças na primeira infância, as quais têm incorporado em sua rotina diária o uso de dispositivos como smartphones e tablets”. De acordo a publicação, a utilização dessas mídias de forma precoce pode afetar diretamente a forma como a criança se desenvolve linguística, social, emocional e cognitivamente. O canal Lunetas divulgou uma matéria em 2023, que traz a seguinte informação: “dos 10 maiores canais do YouTube no Brasil, cinco são de conteúdo infantil. Juntos, eles somam mais de 96 bilhões de visualizações.” Além de pontuar que os canais internacionais, traduzidos em português, e direcionados à primeira infância, com conteúdos envolvendo músicas e brincadeiras para bebês, são os mais acessados na plataforma e ultrapassam a marca de 7 bilhões de visualizações. Demonstrando assim, a crescente audiência infantil desde os primeiros anos de vida. Essas plataformas oferecem um rico leque de conteúdos que não apenas entretêm, mas também capturam a curiosidade

infantil com narrativas visualmente estimulantes. Ao integrar elementos educacionais em programas e aplicativos, as crianças são capazes de aprender de forma intuitiva e interativa, o que pode enriquecer seu conhecimento. A mídia também pode desempenhar um papel socializador, criando um senso de pertencimento a grupos ou comunidades com interesses semelhantes. Ao se engajar com conteúdos midiáticos, as crianças podem sentir-se parte de um diálogo maior sobre eventos contemporâneos e tendências culturais. Por fim, a interação com a mídia não é apenas uma atividade solitária, mas um meio de conexão com o mundo ao seu redor. Dessa forma, a familiaridade com dispositivos digitais e plataformas online torna-se tão natural quanto qualquer outra atividade cotidiana. Além disso, a crescente presença da mídia digital no cotidiano infantil desempenha um papel importante na construção de seus conhecimentos e identidades. Como afirma Gomes (2001):

> A "verdade" presente nos saberes estabelecidos pela mídia, tecida nas redes simbólicas das quais emergem discursos dos mais variados campos, produz modos de ser que constituem subjetividades. Na medida em que é também construtora e propagadora de imaginários, a mídia serve de referencial para a produção das identidades (Gomes, 2001, p. 194).

Ao atuar como agente formador e disseminador de imaginários sociais, a mídia estabelece-se como uma referência na formulação e construção das identidades individuais e coletivas. Com o advento das redes sociais e das plataformas de compartilhamento de vídeo, como o YouTube, as crianças estão expostas a conteúdos diversos que participam de suas visões sobre o mundo e sobre si mesmas. Buckingham (2007) argumenta que:

> A tecnologia é vista como responsável pela transformação das relações sociais, de nosso funcionamento mental, de nossas concepções básicas de conhecimento e cultura – e, o que é crucial neste contexto, pela transformação do que significa aprender e ser criança (Buckingham, 2007, p. 71).

A tecnologia de uma forma geral, tem mudado a forma como as crianças vivem e como vemos a infância hoje em dia. “Esta criança é sujeito dos processos de educação e de comunicação, e interage com outros seres que a cercam e fazem parte de seu universo de socialização (seres humanos adultos e

crianças, educadores e outros)" (Belloni, 2007, p. 76/77), numa sociedade midiatizada podemos entender que as mídias estão diretamente integradas a esse universo de socialização da infância contemporânea. Tudo isso representa um grande desafio para entender e ensinar sobre a infância, inclusive para a Educação que precisa se adequar as mudanças contemporâneas. Neste contexto educacional, Machado (2013, p.3) afirma,

> As tecnologias, aliadas às propostas curriculares da Educação Infantil, permitirão às crianças explorar novos conhecimentos, aprendendo a pesquisar, questionar, expressar sua opinião, pensar e elaborar ideias de maneira lúdica, interativa e divertida, tornando o processo de aprendizagem mais interessante.

Como afirma Sarmento (2003, p.54), "o imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural, que fornece as condições e as possibilidades desse processo". O autor ainda afirma que as condições sociais e culturais das crianças são diversas, mas todas apontam para uma condição infantil comum: a dependência da geração adulta para sobrevivência e crescimento. Portanto, segundo ele, as crianças estão construindo sua autonomia, o que incide sobre as escolhas, porém, elas ainda precisem da "intervenção" do adulto, por isso, tanto a família quanto a escola além de serem espaços fundamentais para a socialização e proteção das crianças, são importantes ambientes para a produção de sentidos. Barros fala sobre a relevância da interação social neste processo:

> No campo da recepção, o processo de produção de sentidos extrapola o exercício de decodificação da mensagem recebida; ele se dá a partir das apropriações feitas pelos receptores, à luz do seu campo semântico e pragmático. O sentido não está, portanto, nos limites do composto meio-mensagem; mas, presente nas dinâmicas que envolvem os sujeitos do processo comunicacional: emissor e receptor, seres sociais em interação com outros indivíduos, instituições e movimentos sociais (Barros, 2012, p. 90).

Logo, segundo o autor, o sentido surge das interações entre os emissores e os receptores, que, no caso das crianças, são influenciados principalmente por seu ambiente familiar e escolar. Na atualidade, estes ambientes são atravessados pela presença das mídias digitais, logo, a compreensão das crianças é construída não apenas pelo conteúdo da mensagem, mas também

pelas suas relações com o outro e com o meio, refletindo um processo comunicacional em que o significado é produzido através dessas relações sociais e culturais. Nesse contexto, podemos entender que esses dispositivos não apenas fornecem informações, mas também estão presentes na forma como entendemos e damos sentido a essas informações.

No cotidiano da Educação Infantil, as mídias permitem a exploração de diferentes linguagens e formas de comunicação, oferecendo ferramentas que podem promover aprendizagens e reforçar comportamentos, desempenhando um papel importante na formação das identidades infantis e na construção de percepções sobre a diversidade. Portanto, integrar a identidade étnico-racial na educação infantil é uma estratégia para garantir que todas as crianças, independentemente de sua origem, se sintam valorizadas e respeitadas. Heller (1992), argumenta que o preconceito não é apenas uma opinião negativa baseada em estereótipos, mas uma estrutura complexa que influencia a percepção e o comportamento das pessoas em relação a grupos sociais diferentes. Essa perspectiva ajuda a entender como o preconceito pode se manifestar desde a infância e como ele tende a ser internalizado pelas crianças, na formação de suas identidades e nas interações sociais.

Apesar de reconhecermos que o racismo é um fenômeno estrutural, Almeida (2019) destaca que, essa compreensão não deve nos eximir da responsabilidade de lutar ativamente por uma sociedade antirracista. Neste sentido, deve-se destacar a importância de abordar o racismo desde a primeira infância. A formação de atitudes, preconceitos e estereótipos começa muito cedo e, ao permitir que crianças internalizem noções de desigualdade racial desde pequenas, estamos perpetuando o ciclo de discriminação. Trabalhar o racismo na infância, por meio de educação antirracista, contribui para desconstruir essas noções, desenvolver empatia e promover um ambiente de respeito e igualdade.

A ideia de que a mudança deve começar dentro das estruturas sociais de acordo com o que Barbara Carine (2023) afirma sobre o papel da escola no

combate ao racismo. Para Carine, ser antirracista não é uma opção, mas um compromisso histórico, um dever institucional. Ela destaca que a escola, assim como professores e professoras, deve pautar a equidade racial em toda sua estrutura, promovendo a inclusão genuína das pessoas racializadas. A autora reforça que a transformação começa na base da estrutura escolar, ou seja, no corpo docente e nas práticas pedagógicas e enfatiza a importância de desmantelar as desigualdades e de reconstruir o currículo escolar, valorizando os conhecimentos ancestrais africanos e quebrando estereótipos e representações redutoras, para que a educação possa contribuir efetivamente na construção de uma sociedade mais justa e antirracista. No contexto das plataformas digitais, como o YouTube, a representatividade tem um papel transformador, proporcionando visibilidade e voz a indivíduos e comunidades historicamente marginalizadas. Logo, as mídias digitais emergem como ferramentas significativas para a promoção da educação antirracista.

MATERIAL E MÉTODOS

Os materiais analisados para este artigo foram os vídeos do canal infantil **“Hora do Blec”**, disponível na plataforma YouTube e os referenciais teóricos e bibliográficos. Esse canal foi escolhido como objeto central da análise por promover a representatividade negra na infância, com protagonistas negros e narrativas afirmativas voltadas para crianças pequenas. Os vídeos analisados possuem conteúdo lúdico e educativo, com músicas e histórias voltadas para o fortalecimento da identidade racial.

Os referenciais teóricos e bibliográficos, sustentaram a análise crítica do conteúdo. As obras consultadas abordam temas como mídia e infância (Martino, Barros, Belloni, Buckingham), educação antirracista e identidade racial (Almeida, Gomes, Cavaleiro, Carine), além de documentos normativos que orientam a prática pedagógica na Educação Infantil. Esses materiais possibilitaram a construção de uma análise que relaciona as representações midiáticas com a formação identitária das crianças na primeira infância,

evidenciando a importância da representatividade nos meios digitais como instrumento de educação antirracista.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na revisão bibliográfica e na análise de conteúdo, conforme proposta por Martino (2003). A revisão bibliográfica permite fundamentar teoricamente a investigação, mapeando estudos sobre identidade racial, infância e mídias digitais, além de discutir o papel da representatividade nos conteúdos audiovisuais infantis. A análise de conteúdo, por sua vez, busca identificar e interpretar as mensagens transmitidas nos vídeos do canal Hora do Blec, explorando como suas narrativas e representações visuais contribuem para a construção da identidade racial infantil. Para tornar a abordagem possível, nos ancoramos na definição de Martino (2018, p.160) ressaltando que,

> O centro da análise de conteúdo é a definição das categorias para interpretar a mensagem. "Categorias" são as divisões usadas em uma pesquisa para compreender o conteúdo. Em geral, elas aparecem aos poucos, conforme os conteúdos são vistos e passam pela leitura inicial, e vão se formando à medida que você organiza as unidades de análise segundo suas características.

A escolha do Hora do Blec como objeto de análise se deve ao seu compromisso com a representatividade negra no universo infantil, apresentando protagonistas negros e histórias que enfatizam a valorização da identidade racial. Assim, o objetivo não é apenas demonstrar a influência, mas compreender como se manifesta no caso específico do canal, investigando seu impacto na promoção de uma autoimagem positiva e no combate ao preconceito desde a primeira infância. Com essa metodologia, pretende-se evidenciar o potencial das mídias digitais como ferramentas educativas e transformadoras na construção de identidades, produção de sentidos e na desconstrução de estereótipos raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As representações visuais a que as crianças são expostas durante a infância desempenham um papel importante no desenvolvimento de sua identidade. Personagens de desenhos animados e conteúdos de canais do YouTube direcionados ao público infantil frequentemente apresentam arquétipos como

princesas, príncipes, reis, rainhas e heróis. Tais imagens contribuem para a construção de normas estéticas e de valores que, muitas vezes, são personificadas por personagens de etnia branca. Consequentemente, as crianças brancas podem desenvolver a percepção de estar em uma posição de privilégio em relação a seus pares de outras etnias. Em contrapartida, essa carência de representação para crianças pertencentes a outras etnias, podem internalizar nelas sentimentos de inferioridade, crescendo com a crença de que sua aceitação social está condicionada à conformidade com os padrões estéticos e de comportamento promulgados por tais mídias. Como afirma Dornelles (2019, p. 14):

> Apesar da construção histórica ser muito vinculada às narrativas factuais, a ficção também apresenta uma grande participação na construção da memória de um grupo, uma vez que, por meio de recursos de amplo debate tais como representação e verossimilhança, transpõe realidades, relações e lugares. Define o que pertence à estrutura e principalmente o que está fora dela. Novelas, séries, filmes e animações dialogam com a realidade e com fluxos de poder constituídos, e muitos destes produtos introduzem o mundo para crianças (muitas vezes por meio das fábulas e do discurso pedagógico).

A análise de Dornelles destaca o papel significativo das narrativas ficcionais na formação da memória coletiva e na definição de normas sociais, especialmente através de suas representações de verossimilhança e diálogo com a realidade. No contexto atual, com o YouTube se consolidando como uma das plataformas mais acessíveis e populares entre as crianças, surge uma oportunidade única para fomentar uma educação que valorize a diversidade e promova a inclusão racial desde a tenra idade. O caráter introdutório e didático da cotidianidade presente nas narrativas se junta à forma de assistir da criança, criando um cenário propício para discursos inclusivos (Dornelles, 2019). Utilizando o potencial do YouTube, podemos acessar vídeos que não apenas refletem a diversidade étnica, mas que também abordam de forma educativa e engajante temas relacionados à igualdade e aceitação racial, trazendo a possibilidade de servir como uma ferramenta poderosa na promoção de uma educação antirracista, ajudando a desconstruir estereótipos prejudiciais contribuindo para que as crianças, independentemente de sua etnia, vejam-se representadas de maneira positiva e empoderadora.

A plataforma oferece diversos canais voltados para a primeira infância, muitos dos quais se destacam pela promoção da representatividade e diversidade. Esses canais têm uma cultura midiática própria, com dinâmicas específicas para essa faixa etária, como desenhos animados curtos, geralmente com duração de cerca de 3 minutos, cores vibrantes e melodias cativantes, esses vídeos envolvem as crianças e podem dessa forma, contribuir para a formação de uma percepção positiva sobre a diversidade. Exemplos de canais que adotam essa abordagem incluem "Nelson, o Nenê", "Bino e Fino", "Os Quatro", "Hora do Blec" entre outros.



FIGURA 1: Personagem Nelson
Fonte: YouTube, canal Nelson, o Nenê

Nelson, o Nenê: Com 3,05 mil inscritos e 1.494.025 visualizações até o momento da redação deste artigo, o canal foi criado em 16 de maio de 2022. Destinado ao público infantil a partir de dois anos, "Nelson, o Nenê" é um canal animado que também oferece conteúdos educativos para adultos.



FIGURA 2: Personagens Bino e Fino
Fonte: YouTube, canal Bino e Fino

Bino e Fino: Com 4,29 mil inscritos e 3.234.565 visualizações desde a sua criação em 15 de outubro de 2021, este canal apresenta uma série de desenhos animados sobre um irmão e uma irmã que vivem aventuras na Nigéria. O objetivo do canal é envolver as famílias com conteúdo divertido e educacional, oferecendo uma perspectiva africana autêntica.



FIGURA 3: Personagens do canal
Fonte: YouTube, canal Os Quatro

Os Quatro: Com 589 inscritos e 9.099 visualizações, o canal foi idealizado em 2019 por uma mãe preta que buscava mais representatividade negra na primeira infância. O canal oferece desenhos animados para crianças de 0 a 6 anos com personagens principais negros.



FIGURA 4: Família Blec
Fonte: YouTube, canal Hora do Blec



FIGURA 5: Amigos do Blec
Fonte: YouTube, canal Hora do Blec

Destacamos como um exemplo dentro dessa proposta o canal @HoradoBlec, criado em 4 de julho de 2020. Com mais de 100 mil inscritos e cerca de 54 milhões de visualizações, o canal se dedica a oferecer vídeos musicais e histórias que promovem a autoconfiança das crianças, destacando a importância da representatividade. Hora do Blec tem como foco a diversidade racial e cultural, utilizando suas produções para promover educação e valorização de diferentes identidades, algo muito importante para a formação de um público infantil mais inclusivo e consciente desde cedo. Ao colocar uma família negra como protagonista, o desenho contribui para a representação positiva de diferentes identidades, permitindo que as crianças se vejam refletidas em suas telas e identifiquem suas culturas de maneira respeitosa e afirmativa. Como aponta Gomes (2005), a representatividade negra na mídia é importante para a construção da identidade e da autoestima das crianças negras, pois a ausência de referências positivas pode reforçar processos de

invisibilização e exclusão. O canal traz visibilidade e protagonismo para toda uma cultura que foi ignorada ao longo da história. Impossibilitando que gerações de crianças negras crescessem sem espelhos representativos nos diversos meios de comunicação. Como destaca Cavaleiro (2006), a ausência de representatividade negra nos materiais didáticos e nos conteúdos midiáticos contribui para a invisibilização da população negra, reforçando estereótipos e impedindo que crianças negras se reconheçam positivamente. Dessa forma, iniciativas como o canal Hora do Blec, desempenham um papel essencial na construção de uma autoimagem positiva e na desconstrução de preconceitos desde a infância. Segundo matéria publicada em 2020 no site Agência de Notícias das Favelas (ANF):

> Criado com o intuito de elevar o protagonismo negro no entretenimento infantil, a animação, disponibilizada no Youtube, apresenta o garoto Blec, sua família e amigos em clipes musicais. Cada vídeo possui uma duração média de dois minutos e meio e neles são apresentados temas inspirados nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) criados pela Organização das Nações Unidas (ONU), como: erradicação da pobreza, agricultura sustentável e redução das desigualdades.

Segundo os criadores do projeto, Yasmin Garcez e David Junior, a escolha de fazer clipes musicais foi com o intuito de chamar atenção das crianças mais novas. “Trabalhar essa temática na primeira infância é fundamental para que a criança cresça se percebendo com amor, se imaginando em lugares de sucesso e destaque desde sempre”, explica Yasmin.

Entre seus vídeos, destacamos a música “Cabelo Lindo”, que celebra a beleza dos cabelos crespos e naturais. A letra da música reforça a importância do cuidado e da valorização do próprio cabelo, contribuindo para a autoestima das crianças, especialmente as negras:

Uau, olha só o meu cabelo / Está muito lindo, eu amo meu cabelo crespo natural / Parece uma coroa, é sensacional / Só preciso lavar e pentear direitinho / Que ele seca, fica toda Armandinho, ele é lindo / Cabelo lindo quanto mais eu cuido, mais ele fica lindo.



FIGURA 6: Cabelo lindo do Blec
Fonte: YouTube, canal Hora do Blec

A música “Cabelo Lindo” exemplifica como conteúdos visuais e musicais podem ser projetados para ensinar conceitos importantes e elevar a autoestima das crianças de maneira envolvente. Celebrando a beleza e a individualidade dos diferentes tipos de cabelo, a música promove uma imagem autoafirmava para crianças que podem se sentir representadas. Além disso, a valorização da cultura afrodescendente e o cuidado com o próprio corpo são temas abordados, contribuindo para uma educação mais inclusiva. Essa abordagem desafia a visão hierarquizada das diferenças, promovendo uma compreensão mais equitativa e respeitosa da diversidade, conforme destacado por Gomes (2005).

> Aprendemos, desde crianças, a olhar a diversidade humana – ou seja, as nossas semelhanças e dessemelhanças – a partir das particularidades: diferentes formas de corpo, diferentes cores da pele, tipos de cabelo, formatos dos olhos, diferentes formas linguísticas, etc. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada: perfeições e imperfeições, beleza e feiúra, inferioridade e superioridade (Gomes, 2005, p. 51).

Dessa forma, a animação não só cumpre um papel educativo, mas também contribui para uma formação mais equitativa e plural, contribuindo para que as crianças percebam a diversidade racial e cultural. O aspecto lúdico e interativo do canal, onde as músicas e as interações entre os personagens representam um contexto comum às crianças, onde elas podem perceber similaridade com o que vivenciam no seu cotidiano e as narrativas e vivências dos personagens, são exemplos de representatividade que pode atuar diretamente na produção de sentidos na primeira infância.

CONCLUSÃO

A presença das mídias digitais na infância, revela um panorama complexo e multifacetado da midiatização contemporânea. A análise dessa realidade, destaca como as plataformas digitais, desempenham um papel significativo na formação e na compreensão do mundo pelas crianças, pois a midiatização tem transformado o cotidiano, introduzindo novas formas de socialização e aprendizagem. As plataformas digitais não apenas ampliam o acesso à informação e formas de entretenimento, mas também podem afetar a maneira como as crianças percebem e interpretam seu ambiente. A interação entre as crianças e os conteúdos midiáticos pode contribuir para a construção de uma realidade mediada, na qual os sentidos são construídos e reconstruídos em diálogo com as representações oferecidas pelos meios digitais. Ressaltamos que a crescente presença de dispositivos móveis e plataformas digitais, como o YouTube, na vida das crianças, traz consigo desafios e oportunidades. Enquanto essas tecnologias podem potencializar a educação ao oferecer conteúdo diversificados e interativos, também exigem uma seleção cuidadosa por parte de pais e educadores para garantir que sejam apropriadas e livres de conteúdos inadequados.

Nessa mesma direção, a análise da integração da identidade étnico-racial na educação infantil e o papel das mídias digitais, especialmente do YouTube, revela a importância de promover uma educação antirracista desde os primeiros anos de vida. A exposição às representações positivas e diversificadas é fundamental para o desenvolvimento saudável da autoimagem das crianças e a educação infantil, deve valorizar a diversidade desde cedo. A integração de temas étnico raciais no currículo, acompanhada de práticas pedagógicas conscientes, são importantes para a promoção da educação antirracista.

Neste sentido, canais como "Hora do Blec" demonstram como a mídia digital pode ser utilizada para promover uma educação que contribua para a construção de uma autoimagem positiva e para a valorização das características individuais das crianças. Além de oportunizar que as crianças recebam as ferramentas necessárias para se tornarem cidadãos conscientes e

engajados em um mundo diversificado. Portanto, é essencial que educadores, pais e responsáveis se empenhem em utilizar recursos digitais de maneira crítica e construtiva e lutar pelo direito à escola comprometida com a formação científica, ética, coerente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARROS, Lann Mendes. **Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino americanas**. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., org. Mediação & midiatização [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-105. ISBN 978-85-232-1205-6. Disponível em: mattos-9788523212056-05.pdf (scielo.org). Acesso em 16 ago. 2024.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v.25, n. 1, 57-82, jan./jun. 2007. Disponível em: Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização | Perspectiva Acesso em 15 jan. 2025.

BINO E FINO. YouTube**,** 15 de outubro de 2021. Disponível em: <http://www.youtube.com/@binoefinoportugues4505> Acesso em: 19 de ago. de 2024.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo, Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. Tradução: José Inácio Mendes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

Canal infantil no YouTube tem a missão de empoderar crianças negras. Agencia de Notícias das favelas. 2020. Disponível em: Canal infantil no Youtube tem missão de empoderar crianças negras - **ANF** - Agência de Notícias das Favelas. Acesso em: 03 dez. 2024.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2023. ,

CAVALEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2006

DORNELLES, Wagner dos Santos. **O que se cala: panorama da representação negra nas animações mainstream**. 2019. 118f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1996].

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitospresentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es Raciais-no-Brasil-uma-brevediscuss%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Mídia, imaginário de consumo e educação. **Educação &Sociedade**. [online]. 2001, v.22, n.74, p. 191-207.ISSN 0101-7330.

GUEDES, Sabrina da Conceição; et al. A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância — um estudo epidemiológico. **Revista Paulista de Pediatria**. Vol 38. São Paulo. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018165 Acesso em jul. 2024

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Paz e Terra. 4ª ed. São Paulo, 1992.

HORA DO BLEC. YouTube, 4 de julho de 2020. Disponível em: . Acesso em: 2 ago. 2024.

Plataformas de vídeo são as favoritas das crianças, diz relatório. Lunetas, 2023. Disponível em: Plataformas de vídeo são as favoritas das crianças, diz relatório (lunetas.com.br). Acesso em 15 ago. 2024.

MACHADO, Márcia Regina. “A inclusão da tecnologia na educação infantil”. In: XI Congresso Nacional de Educação. Universidade Tecnológica do Paraná. 2013. Disponível em: https://docplayer.com.br/10597998-A-inclusao-da-tecnologia-na-educacao-infantil.html Acesso: maio 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Vozes,Petrópolis, RJ, 2015.

MARTINO, Luís Mauro. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: Projetos, ideias, práticas**. Vozes. Petrópolis, RJ, 2018.

NELSON, O NENÊ. YouTube**,** 16 de maio de 2022. Disponível em: <http://www.youtube.com/c/NelsonoNen%C3%AA >. Acesso em: 10 de ago. de 2024.

OS QUATRO. YouTube**,** 5 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.youtube.com/@osquatro8819>. Acesso em: 3 de ago. de 2024.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, RS. v. 12, n. 21, p. 51-69, jul./dez. 2003. Disponível em: https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6119. Acesso em jun. 2024.